

DA INGENUIDADE À TRANSGRESSÃO:
As mulheres no conto *A Cartomante*, de Machado de Assis

FROM INGENUOUSNESS TO TRANSGRESSION:
Women in the Short Story *The Fortune Teller*, by Machado
de Assis

RAPHAELA DE SOUZA MARCIAL¹

Data em que o trabalho foi recebido: **21/01/2026**

Data em que o trabalho foi aceito: **18/05/2026**

¹ Graduanda em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), E-mail: raphaela.smarcial@gmail.com,
ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-0200-1640>.

DA INGENUIDADE À TRANSGRESSÃO:

As mulheres no conto *A Cartomante*, de Machado de Assis

RESUMO

O presente artigo analisa as representações femininas no conto *A Cartomante* (1884), de Machado de Assis, com foco na personagem Rita e na cartomante, que dá nome à narrativa. A partir de uma leitura crítico-interpretativa, busca-se compreender de que modo tais figuras femininas são construídas no interior da sociedade burguesa carioca do século XIX, evidenciando tensões entre ingenuidade e transgressão. Para fundamentar a análise, mobilizam-se contribuições teóricas de Simone de Beauvoir, Antonio Candido, Alfredo Bosi e Nádia Battella Gotlib, além de estudos críticos específicos sobre o conto machadiano. O trabalho propõe que as personagens femininas não devem ser lidas apenas como elementos narrativos isolados, mas como representações simbólicas de valores, normas morais e estruturas sociais de seu tempo. Ao enfatizar a ambiguidade que permeia a construção dessas figuras, o artigo aponta para a complexidade do olhar narrativo machadiano e para a permanência de questões relacionadas ao gênero, à moralidade e à posição da mulher na sociedade brasileira oitocentista.

Palavras-chave: Mulher. Machado de Assis. Conto. Representação feminina. Século XIX.

FROM INGENUOUSNESS TO TRANSGRESSION:

Women in the Short Story *The Fortune Teller*, by Machado de Assis

ABSTRACT

This article analyzes the representation of female characters in the short story *The Fortune Teller* (1884), by Machado de Assis, focusing on Rita and the unnamed fortune teller who gives the narrative its title. Through a critical and interpretative approach, the study seeks to understand how these women are constructed within the context of the bourgeois society of nineteenth-century Rio de Janeiro, highlighting the tension between ingenuousness and transgression. The analysis is theoretically grounded in contributions by Simone de Beauvoir, Antonio Candido, Alfredo Bosi, and Nádia Battella Gotlib, as well as in critical studies specifically dedicated to Machado de Assis's short story. The article argues that female characters should not be regarded merely as narrative elements, but as symbolic representations of social values, moral norms, and historical structures of their time. By emphasizing the ambiguity that permeates their characterization, the study underscores the complexity of Machado de Assis's narrative perspective and the enduring relevance of issues related to gender, morality, and the social position of women in nineteenth-century Brazilian society.

Keywords: Woman. Machado de Assis. Short story. Female representation. Nineteenth century.

INTRODUÇÃO

Simone de Beauvoir, em sua célebre obra “O Segundo Sexo” (1970), constituiu um importante marco para os estudos feministas, ao questionar e discutir o papel ocupado pelas mulheres na estrutura social do patriarcalismo. Debater as posições historicamente atribuídas às mulheres e compreender as opressões que marcam suas experiências constitui um importante exercício de análise social. Tal perspectiva permite refletir sobre aspectos históricos e culturais que contribuíram para a construção das relações de gênero, possibilitando também a compreensão de permanências observáveis na contemporaneidade.

Torna-se, assim, inegável a relevância de Beauvoir para qualquer estudo que busque pensar os papéis desempenhados por mulheres em determinada conjuntura, bem como as representações artísticas destas. Nesse contexto, insere-se a temática do presente trabalho: as representações femininas no conto *A Cartomante*, de Machado de Assis. O estudo concentra-se na análise das duas mulheres que se apresentam como personagens do conto: Rita e a Cartomante (não nomeada). Busca-se, ao entendê-las, uma maior compreensão das características a elas atribuídas, do espaço que estas ocupam na sociedade brasileira oitocentista, bem como de pontos de semelhança ou diferença em suas construções de personagem.

Além de analisar a construção das personagens Rita e da Cartomante, este trabalho busca compreender as representações femininas como construções simbólicas relacionadas a valores, normas e comportamentos historicamente situados. Nesse sentido, as personagens são entendidas não apenas como elementos da narrativa, mas também como indícios das relações sociais presentes na sociedade brasileira oitocentista.

Com a finalidade de enriquecer o referencial teórico deste trabalho, mobilizam-se as obras *Vários Escritos*, de Antonio Candido (1995) e *História Concisa da Literatura Brasileira*, de Alfredo Bosi (1994), ambas de reconhecida importância para o campo dos Estudos Literários. A elas, unem-se os artigos “A melhor cartomante era ele mesmo”, de Douglas Ferreira de Paula; “A mulher, as cartas e o destino: história como tecido estruturante no conto de Machado de Assis”, de Carlos Gildemar Pontes e “Aspectos do fantástico no conto ‘A Cartomante’ de Machado de Assis”, de Fernando Rodrigues da Costa. Os artigos foram selecionados por abordarem aspectos centrais da narrativa estudada e por oferecerem contribuições para a compreensão das personagens femininas e das ambiguidades presentes no conto. Finalmente, adiciona-se à bibliografia a obra *Teoria do Conto*,

de Nádia Battella Gotlib (1985), que ajudará a inserir a obra *A Cartomante* dentro desse gênero literário.

Este artigo propõe uma leitura das personagens Rita e Cartomante a partir da tensão entre ingenuidade e transgressão, argumentando que ambas são construídas de forma ambígua e admitem múltiplas interpretações. Ao enfatizar essa ambiguidade, busca-se contribuir para as discussões sobre as representações femininas na obra de Machado de Assis e sobre as relações de gênero presentes na literatura brasileira do século XIX.

Discutir as representações femininas em uma obra machadiana significa também revisitar um clássico da literatura brasileira a partir de questões que permanecem relevantes para a crítica contemporânea. Ao analisar Rita e a Cartomante, busca-se compreender de que modo a narrativa dialoga com valores e estruturas sociais do Brasil imperial, evidenciando aspectos que ultrapassam o universo ficcional e alcançam debates ainda presentes na sociedade contemporânea.

A TRAMA

As personagens femininas constituem importantes elementos para a compreensão dos valores, comportamentos e expectativas de gênero presentes em uma determinada sociedade. Por meio de sua construção literária, é possível observar representações relacionadas ao papel social atribuído às mulheres, bem como os mecanismos de julgamento e normatização que recaem sobre elas.

Nesse sentido, o conto *A Cartomante*, de Machado de Assis, oferece um terreno fértil para a reflexão acerca das representações femininas na literatura brasileira do século XIX. A narrativa mobiliza conflitos relacionados ao desejo, à moralidade e às convenções sociais, permitindo observar diferentes formas de construção do feminino no contexto oitocentista.

Machado, portador de uma visão crítica e de um olhar refinado que destinava à sociedade de seu tempo, foi capaz de analisar comportamentos, hipocrisias e dissonâncias das classes burguesa e aristocrata no contexto urbano do Rio de Janeiro nos anos 1800 – sobretudo em suas décadas finais. Assim, *A Cartomante* torna-se um veículo poderoso para as investigações aqui pretendidas, visto que tais aspectos manifestam-se por meio de uma trama que articula adultério, desejo e normas sociais de comportamento.

A narrativa apresenta a concisão característica do gênero conto, aspecto destacado por Nádia Battella Gotlib (1985) como um de seus traços estruturais fundamentais. Na narrativa, somos apresentados a um triângulo amoroso: Rita, seu marido Vilela e Camilo, amigo de infância deste e

secretamente envolvido com Rita. O conflito se dá a partir do momento em que Camilo começa a receber cartas anônimas sobre seu enlace amoroso e culminará em um trágico desfecho. Ao longo da narrativa, destaca-se ainda a presença da Cartomante – personagem que, embora participe de forma relativamente breve dos acontecimentos, exerce papel decisivo no encaminhamento do conflito e na construção da atmosfera de incerteza que perpassa o conto.

RITA

Rita, esposa de Vilela, é apresentada pelo narrador como uma “dama formosa e tonta” (ASSIS, 1884, p. 2). A caracterização inicial da personagem aproxima-se de atributos frequentemente associados ao ideal feminino oitocentista, como a delicadeza, a beleza e a aparente ingenuidade, elementos que serão posteriormente subvertidos ao longo da narrativa. Ela divide com o amante a posição de centralidade dentro desta narrativa machadiana e pode parecer, em um primeiro momento, uma epítome do que se desejava das mulheres burguesas do século XIX: ela ocupa seu papel de esposa, cumpre com normas e expectativas socialmente impostas e coloca-se em posição de submissão diante do marido. Tais percepções, contudo, tornam-se mais complexas à medida que a narrativa avança.

Em uma primeira leitura, Rita parece se enquadrar no que Pontes (2021) diz em seu artigo sobre a relação de dominação homem-mulher deste período. Segundo o autor, essa dominação era acentuada pela estrutura burguesa e relegava às mulheres o mito de fragilidade, estipulando todo um padrão moral que deveria ser seguido. Uma leitura restrita às passagens que a descrevem como “graciosa e viva nos gestos, olhos cálidos, boca fina e interrogativa” (ASSIS, 1884, p. 2) poderia sugerir uma personagem alinhada às expectativas sociais tradicionalmente destinadas às mulheres de sua época.

Do mesmo modo, caso o leitor se deixe levar pelas várias passagens que a colocam como uma ingênua, que crê cegamente em previsões da Cartomante e é inferiorizada em relação ao supostamente cético e racional Camilo. Entretanto, o desenvolvimento da narrativa produz deslocamentos e alterações significativas nessa caracterização inicial. Rita, em dado momento, passa de uma mulher ingênua para alguém descrita como “uma serpente” que se aproximou de Camilo e “envolveu-o todo, fez-lhe estalar os ossos num espasmo, e pingou-lhe o veneno na boca.” (ASSIS, 1884, p. 2).

A imagem da serpente não é casual. Tradicionalmente associada à tentação, ao engano e à transgressão moral na cultura ocidental, ela contribui para reforçar uma representação negativa da personagem feminina. Ao recorrer a esse símbolo, o narrador associa Rita a um imaginário

historicamente utilizado para responsabilizar mulheres por desvios da ordem moral, aspecto que se torna particularmente significativo quando observado no contexto das relações de gênero presentes no período oitocentista.

Assim, observa-se que a descrição de Rita exclusivamente como uma donzela inocente não se sustenta por todo o tempo e chega a recair sobre ela parte da culpa dos futuros acontecimentos fatais. O narrador, nesse ponto, parece transferir parte da responsabilidade de Camilo para a esposa de Vilela, ao inseri-la então no perfil de uma imoral adúltera. Que a figura de adúltera causou grande comoção na literatura e na sociedade do século XIX, não restam dúvidas (veja-se, por exemplo, o ambíguo exemplo da *Bovary* de Flaubert).

No entanto, não se busca neste trabalho discutir o caráter moral da personagem. Mais relevante para a presente análise é a forma ambígua pela qual Rita é construída ao longo do conto. Entre a donzela e a serpente (ser este por séculos associados a traição, a vilania, ao engano), Rita subverte em certa medida a lógica do meio burguês no qual está inserida. Subverte-a pois se coloca na posição de amante, foge do tradicional e pacato papel de esposa que antes ocupava e resolve viver os próprios desejos – nutridos por um amigo próximo de seu companheiro. Sobre a fuga a norma socialmente imposta, destaca-se que:

Primeiro, é introduzida uma situação de contrariedade à ordem estabelecida, o adultério (tema bastante explorado por Machado de Assis). [...] A ‘frágil’ e ‘inocente’ Rita passou a ‘perigosa’ e sedutora. [...] De uma forma ou de outra, a imagem relacionada à mulher como uma serpente representa uma violação do código moral da sociedade. (PONTES, 2021, p. 9).

Rita pode ser interpretada como uma personagem que desafia os limites das expectativas sociais destinadas às mulheres de seu meio. É uma transgressora – ainda que dentro dos limites daquele círculo social e período. Entretanto, é importante considerar que Rita é apresentada por meio de um narrador masculino, inserido em um contexto social marcado por valores patriarcais. Tal aspecto convida à reflexão sobre os possíveis vieses presentes em sua caracterização. A respeito da participação do narrador, adiciona-se aqui:

Rita é primeiramente colocada como ingênua, no entanto o narrador a descreverá mais adiante como uma víbora que aos poucos envolve Camilo em armadilhas irremissíveis. Percebe-se assim uma estratégia por parte deste narrador que insere as personagens Rita e a cartomante inicialmente como sonsas e inocentes para logo em seguida revelar as suas posições dominantes na trama, haja vista o fato de ambas acabarem por definir todos os rumos da narrativa (COSTA, 2024, p. 5).

Sob uma perspectiva crítica contemporânea, torna-se pertinente questionar a distribuição das responsabilidades pelo adultério representado na narrativa. Afinal, Camilo, o grande amigo de Vilela,

não deveria ser lido como portador de igual culpa? Seria ele inocente, vítima de Rita? Ou deveríamos entendê-lo como alguém que retribuiu seus afetos, mas não possui igual peso no julgamento feito pelo leitor? Tais reflexões podem ser válidas, e talvez nos levem a pensar sobre o meio histórico, cultural e social em que o conto se insere.

Outra possibilidade interpretativa consiste em compreender Rita não como uma figura transgressora, mas como uma personagem cujas ações são determinadas por circunstâncias afetivas e sociais específicas. Nessa perspectiva, o adultério não configuraria necessariamente um gesto de contestação consciente às normas vigentes, mas uma escolha vinculada aos conflitos vivenciados pela personagem. Desse modo, ela seria “apenas uma mulher integrante da pequena burguesia carioca que viola o lar quando se torna adúltera com o melhor amigo do seu marido” e alguém cuja insensatez foi “impulsionada pela paixão” (PONTES, 2021, p. 9).

Embora o narrador possua acesso privilegiado aos acontecimentos, a narrativa não oferece elementos suficientes para uma interpretação definitiva da personagem. A construção de Rita permanece marcada pela ambiguidade, permitindo leituras diversas acerca de suas motivações, responsabilidades e posicionamentos diante dos acontecimentos. A personagem articula características que dificultam classificações rígidas, transitando entre imagens associadas à inocência e à transgressão. Essa ambiguidade constitui um dos aspectos centrais de sua construção narrativa e evidencia a complexidade das representações femininas presentes no conto.

A CARTOMANTE

A personagem que dá nome ao conto possui participação relativamente reduzida no desenvolvimento dos acontecimentos. Tal aspecto revela-se significativo, sobretudo porque sua presença exerce forte influência sobre o encaminhamento da história. “Embora seja referência do início ao fim da narrativa, a sua participação efetiva é pequena” (PAULA, 2020, p. 10). Essa escolha narrativa contribui para a construção do caráter simbólico da personagem e para os efeitos de ambiguidade presentes no conto.

A vidente é “[...] uma mulher de quarenta anos, italiana, morena e magra, com grandes olhos sonsos e agudos.” (ASSIS, 1884, p. 5). Desde sua primeira aparição efetiva na narrativa, a Cartomante é associada a elementos de mistério e incerteza. Sua presença mobiliza expectativas relacionadas ao desconhecido e ao destino, aspectos que marcam todo o desenvolvimento do conto. Em Camilo, a mulher desperta fascínio, a despeito do ceticismo deste e em um ato de reconexão com as crendices “que a mãe lhe incutiu e que aos vinte anos desapareceu” (ASSIS, 1884, p. 1).

A própria descrição física da personagem já antecipa parte da ambiguidade que a caracteriza. A combinação dos adjetivos "sonsos" e "agudos" para qualificar seu olhar reúne atributos aparentemente contraditórios, produzindo uma imagem que oscila entre ingenuidade e perspicácia.

Em conformidade com sua aparência, a casa da Cartomante é lido como “a morada do indiferente Destino” (ASSIS, 1884, p. 4). O ambiente é descrito como mal iluminado e sombrio, características que reforçam a atmosfera de mistério construída em torno da personagem e contribuem para a ambiguidade que marca sua representação.

Sobre o mistério refletido pela Cartomante, é válido ressaltar o traço do olhar: os olhos sonsos e agudos, que tanto parecem saber sobre a vida do consulente. A Cartomante, aqui, é capaz de reunir em si as duas características há pouco investigadas: a ingenuidade, posto que tem um olhar “sonso”, e a transgressão, simbolizada pelo papel que exerce na história machadiana e na sociedade e retratada por um olhar “agudo”. Segundo Costa (2024), o olhar representaria uma ambiguidade inerente à sua personalidade.

Essa ambiguidade, entretanto, constitui apenas uma das dimensões da personagem. Outro aspecto relevante de sua constituição é a posição de força trazida por esta mulher. Afinal, ainda atendo-me às ideias de Costa (2024), os olhares únicos que Machado confere a suas personagens femininas (como Capitu, com seus olhos de cigana oblíqua e dissimulada) são de fundamental importância em seus escritos, porque colaboram para a construção da imagem da mulher dominadora, atrelando a ela o “poder do olhar ou do vigor feminino” (COSTA, 2024, p. 5).

A figura da cartomante ocupa lugar recorrente no imaginário popular, frequentemente associada ao misticismo, à previsão do futuro e ao acesso a conhecimentos inacessíveis aos demais indivíduos. Ao mesmo tempo, é também alvo de preconceitos e representações estereotipadas. Tal repertório simbólico é mobilizado por Machado de Assis na construção da personagem. Ela pode ser definida enquanto “uma mulher misteriosa dotada de habilidades advindas de uma natureza milagrosa e que pode desvendar os acontecimentos futuros” (COSTA, 2024, p. 5).

Ainda cabe ressaltar que a construção da Cartomante executada por Machado de Assis encaixa-se no que Simone de Beauvoir considera a respeito da representação literária de mulheres ditas misteriosas: “A literatura malogra sempre em pintar mulheres ‘misteriosas’. Elas podem surgir no início de um romance como estranhas, enigmáticas; mas, a menos que a história permaneça inacabada, terminam por revelar seu segredo e são então personagens coerentes e translúcidas.” (BEAUVOIR, 1970, p. 305). A construção narrativa adotada no conto contribui para a manutenção desse caráter enigmático, justamente por deixar “pontas soltas” em um final quase aberto (como a

autoria das cartas ameaçadoras e o erro de previsão da Cartomante). Nesse sentido, a mulher permanece como um enigma indecifrável.

A narrativa não oferece elementos suficientes para determinar de forma conclusiva se a personagem era capaz de exercer a cartomancia ou se suas previsões resultam apenas da interpretação das circunstâncias apresentadas pelos consulentes. Tal indefinição constitui um dos aspectos centrais de sua construção narrativa. Esta personagem transgride, em certa medida, o que se espera e foge da expectativa do leitor. Porém, ao mesmo tempo, é uma agente fundamental para determinar as reações e sentimentos de outras personagens frente às circunstâncias.

A personagem também pode ser analisada a partir de sua posição social e das implicações associadas à atividade que exerce. É possível entendê-la como “uma figura transgressora, constante alvo de preconceitos e por vezes marginalizada em todas as sociedades” (COSTA, 2024, p. 9). Sob essa perspectiva, a Cartomante pode ser compreendida como uma figura que desafia determinadas expectativas sociais associadas ao feminino no século XIX. Imigrante, economicamente marginalizada e inserida em uma atividade vinculada ao universo do misticismo, a personagem ocupa uma posição distinta daquela tradicionalmente destinada às mulheres na sociedade retratada pelo conto. Apesar de sua condição periférica, sua atuação exerce influência decisiva sobre o desenrolar dos acontecimentos, conferindo-lhe relevância simbólica e narrativa. Ela rompe com padrões impostos por uma sociedade profundamente cristã e machista, com uma classe dominante avessa à ideia de trabalho. Ao adquirir tal papel, a Cartomante deixa as margens e se torna uma peça central para o desenvolvimento da trama, tomando para si a imagem da “transgressora”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, buscou-se analisar as representações femininas no conto *A Cartomante*, de Machado de Assis, com foco nas personagens Rita e a Cartomante. A investigação permitiu observar como ambas são construídas de forma ambígua, articulando características associadas tanto à ingenuidade quanto à transgressão. A análise das personagens a partir de perspectivas críticas contemporâneas possibilita refletir sobre questões relacionadas às representações de gênero, à moralidade e às expectativas sociais destinadas às mulheres na sociedade oitocentista.

Nesse sentido, o conto revela-se particularmente relevante por possibilitar a observação de valores, comportamentos e relações sociais característicos de seu contexto histórico, ao mesmo tempo

em que suscita reflexões que permanecem pertinentes para a crítica contemporânea. Segundo Paula (2020), o conto “permite capturar os valores sociais dominantes e, por suas qualidades de composição, capturar leitores fascinados até os dias de hoje” (PAULA, 2020, p. 16). Muito além de respostas sobre Rita ou sobre a Cartomante, somos levados a pensar sobre as mulheres na sociedade brasileira — particularmente no meio burguês do Rio de Janeiro do século XIX.

Entre os principais aspectos observados na análise, destaca-se a ambiguidade que caracteriza a construção de ambas as personagens. Rita transita entre imagens associadas à inocência e à transgressão, enquanto a Cartomante permanece envolta em incertezas que dificultam interpretações definitivas acerca de sua atuação na narrativa. A ausência de respostas definitivas constitui um elemento central da narrativa machadiana, favorecendo múltiplas possibilidades de interpretação e reforçando a complexidade das personagens analisadas.

Tal perspectiva aproxima-se das reflexões de Simone de Beauvoir (1970), para quem as experiências femininas não podem ser reduzidas a modelos homogêneos ou definições universalizantes. Para a autora, “na realidade concreta, as mulheres manifestam-se sob aspectos diversos”, apesar de que “cada um dos mitos edificadas a propósito da mulher pretende resumi-la inteiramente” (BEAUVOIR, 1970, p. 300). Nesse sentido, as personagens analisadas evidenciam a multiplicidade de sentidos que podem ser atribuídos às representações do feminino na literatura.

Ao enfatizar a construção ambígua de Rita e da Cartomante, este artigo buscou contribuir para as discussões acerca das representações femininas na obra de Machado de Assis. A análise demonstrou que ambas as personagens ultrapassam classificações simplificadoras, evidenciando tensões relacionadas aos papéis sociais, às expectativas de gênero e aos julgamentos morais presentes na sociedade brasileira do século XIX. Dessa forma, a investigação reforça a relevância da literatura machadiana como espaço privilegiado para a reflexão sobre as relações entre ficção, sociedade e gênero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. A cartomante. In: ASSIS, Machado de. **Várias histórias**. Organização de Hélio de Seixas Guimarães. 2. ed. São Paulo: Todavia, 2024.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 54. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2022.

CANDIDO, Antonio. Esquema Machado de Assis. In: CANDIDO Antonio. **Vários Escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COSTA, Fernando Rodrigues da. Aspectos do fantástico no conto “A Cartomante” de Machado de Assis. In: **Vozes literárias**: Uma jornada pelos clássicos e contemporâneos. 1.ed. Ponta Grossa: Atena Editora, p. 1-9, 2024.

GOTLIB, Nádía Battella. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 1985. Série Princípios.

PAULA, Douglas Ferreira de. A melhor cartomante era ele mesmo. In: **Afluente**: Revista de Letras e Linguística, v. 5, n. 15, p. 6-22, 2020.

PONTES, Carlos Gildemar. A mulher, as cartas e o destino: história como tecido estruturante no conto de Machado de Assis. In: **Revista de Estudos Decoloniais**, v. 1, n. 1, p. 1-14, 2021.